

ANOTAÇÕES ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE LETRAS E O MERCADO EDITORIAL

Rafael Zamperetti Copetti¹



Em 1º de abril de 1989, o jornal *Folha de S. Paulo* inaugura uma nova fase de seu jornalismo cultural ao publicar o primeiro número do suplemento *Letras*. Publicado periodicamente aos sábados, *Letras* substitui o *Folhetim*, que circulou semanalmente junto ao jornal paulista durante doze anos, de 1977 a 1989. Dentre os três suplementos semanais da *Folha de S. Paulo* publicados durante as décadas de 70, 80 e 90, *Letras* foi o que por um menor período de tempo circulou, tendo sido substituído pelo *Mais!* em 16/02/1992, o qual até hoje acompanha as edições dominicais do periódico paulista.

A indexação, junto ao projeto integrado de pesquisa *Poéticas Contemporâneas II*, de cinqüenta e três cadernos de *Letras*, que correspondem aos volumes publicados durante o primeiro ano de circulação do mesmo, parece reafirmar a suspeita já levantada em “*Letras — Uma primeira análise*”² de que esta nova fase do periodismo cultural do jornal *Folha de S. Paulo* tem como fio condutor aquilo que considero ser uma metáfora da proposta de *Letras*, expressa pela matéria de capa do primeiro número do suplemento, a qual figura assinada por seu editor, Marco Chiaretti.

A modernidade está chegando ao mercado editorial brasileiro. Seu agente é uma máquina norte-americana de US\$ 4 milhões. Mais do que uma simples máquina, um sistema operacional completo, capaz de produzir cem livros por minuto, 6 mil por hora, quase 50 mil em um turno de operação de oito horas.³

¹ Bolsista de Iniciação Científica — CNPq.

² Este texto descreve sucintamente os cadernos publicados durante os três primeiros meses de circulação do suplemento *Letras*. Está publicado no *Boletim de Pesquisa — NELIC* nº 4, de julho de 1999 p. 44-45.

³ CHIARETTI, Marco. “Os tempos modernos chegaram ao mercado editorial brasileiro” *Letras*, 1º de abril de 1989, p. 1.

Com o intuito de tentar mostrar a estreita relação de *Letras* com o mercado editorial, sua tendência a tratar a cultura como uma mercadoria e a tentativa de ser um suplemento universal, passo a uma rápida descrição do mesmo.

Exceto *Primeira Leitura*, que o próprio caderno nomeia, localizo as diversas “seções” que o compõem. São elas; *Primeira Página*, que, além das chamadas e do nome do caderno traz, na maioria das vezes, reportagens ou entrevistas relativas a diversas áreas do conhecimento; *Segunda Página*, dedicada à publicação de informes e notas relativas ao mercado editorial e eventos culturais; *Páginas Centrais*, onde é observado o predomínio da publicação de resenhas e ensaios mais densos do que aqueles encontrados no restante do suplemento; e, por fim, *Primeira Leitura*, que, ocupando por completo a última página do suplemento, é dedicada à publicação de excertos de depoimentos, textos de ficção e ensaísticos. Nas demais páginas de *Letras* (correspondem em geral às páginas 3,6 e7), observa-se o predomínio da publicação de resenhas, que abrangem diversas áreas do conhecimento.

Em *Segunda página*, além de notas editoriais, são recorrentes as colunas “Resenha”, “Indicações”, “O que você está lendo?” e “Os mais vendidos da semana”, sendo que as duas primeiras e as notas editoriais sutilmente interagem entre si. A princípio, o movimento parece ser o seguinte: o lançamento de uma dada obra, ficcional ou não, é anunciada em “Resenha”. A partir deste anúncio, tal obra freqüentemente reaparece nas semanas posteriores em “Indicações”, ou nas notas editoriais, para então, o que não me parece recorrente, ser parcialmente publicada em *Primeira Leitura*, ou ainda resenhada no corpo do caderno.

Portanto, *Segunda Página* funcionaria como uma espécie de incubadora da mais recente produção do mercado editorial brasileiro, como se o jornal aguardasse o resultado de sua recepção antes de dispensar-lhe um tratamento de maior destaque, ou ainda, o que me parece mais provável, seria a estratégia encontrada pelo jornal para ganhar tempo e assim proceder a uma análise mais minuciosa do material em questão.

As colunas “O que você está lendo?” e “Os mais vendidos da semana”, que respectivamente trazem a opinião de três personalidades acerca do que estão lendo no momento e a lista dos dez livros mais vendidos no Brasil e nos EUA, nas categorias ficção e não ficção, apesar de não parecer interagir com outras partes de *Letras*, chamam tanta ou mais a atenção do leitor, no caso da primeira, do que aquelas que interagem entre si. Afinal de contas a quem não chama a atenção a opinião de um David Arrigucci Jr. ou de um Haroldo de Campos?

Vale a pena ressaltar que, a princípio, nada do que é veiculado na categoria ficção de “Os mais vendidos da semana” merece grande destaque no periódico. Evidentemente nem tudo cabe em *Letras*, ou seja, o jornal faz, e deve fazer, uma triagem daquilo que está sendo disponibilizado pelo mercado editorial. Porém, deve-se indagar quais os critérios utilizados pela *Folha de S. Paulo* para escolher as obras que receberão amplo destaque, seja através de resenha ou publicação parcial em *Primeira Leitura*, independentemente de terem figurado na *Segunda Página* e, ainda, em que momento se dá tal destaque. Seria redutor pensar que os critérios de escolha de obras estão somente ligados à questão mercadológica, apesar de a relação entre *Letras* e o mercado editorial ainda não estar muito clara nesta etapa da pesquisa.

Merece atenção também, agora no que diz respeito principalmente à seção *Primeira Leitura*, a preponderância do estrangeiro sobre o nacional. Durante o primeiro ano de circulação de *Letras*, neste espaço foram publicados somente três excertos de textos de autores nacionais: um fragmento da coletânea de contos “A orelha de Van Gogh”, de Moacyr Scliar, outro de “O baú de Abravanel”, a genealogia da família do apresentador de televisão Silvio Santos, escrita pelo jornalista Alberto Dines e, por fim, um fragmento do livro “Japão de olhos abertos”, do economista e professor da Unicamp Gilson Schwartz.

É correto afirmar que em *Letras* como um todo a presença de obras e de autores estrangeiros é recorrente, porém não em tamanha desproporção como acontece em *Primeira Leitura*. Seria o caso, aqui, pensar os motivos que levam a *Folha de S. Paulo* a privilegiar o estrangeiro em detrimento do nacional.

Pode-se tentar justificar a maciça presença do estrangeiro argumentando que naquele momento não houve produção ficcional no Brasil. A essa questão, o próprio *Letras* responde, mostrando que houve produção de textos ficção no país durante aquele período, seja através das notas da *Segunda Página* ou através de resenhas.

Foram anunciadas as publicações, durante o primeiro ano de circulação do periódico, além de “A orelha de Van Gogh” e de “O baú de Abravanel”, que mereceram amplo destaque em *Primeira Leitura*, os romances “Relato de um certo oriente”, de Milton Hatoum, “Memórias de Aldenham House”, de Antonio Callado e “Carreiras cortadas”, de Bernardo Ajzenberg, dentre outros. Vale a pena ressaltar que estes três romances, além de terem sido anunciados nas notas da segunda página, foram resenhados, sendo que aquele de Ajzenberg foi o que mereceu a mais dura crítica. As notas da segunda página informam ainda que o romance de Antonio Callado e “Viva o

povo brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro, foram publicados na Alemanha, enquanto o romance “Relato de um certo oriente”, do então estreante Hatoum, é utilizado como exemplo para evitar que “se diga que a editora (Cia. das Letras) só publica estrangeiros”.

Destarte não me parece que tenha sido o “colapso” da produção ficcional brasileira do final da década de 80 a causa da abundância de ficção estrangeira em *Letras*. A causa maior parece ser, em primeiro lugar, o reflexo da necessidade do mercado editorial e do próprio jornal em adequar-se às mudanças políticas que então ocorriam mundialmente, de certa maneira antecipando o que viria a acontecer a partir do início dos anos 90, como parece demonstrar a série de entrevistas-reportagem sobre as editoras Nova Fronteira, Brasiliense, Paz e Terra, Siciliano e Jorge Zahar Editor, publicadas a partir do primeiro caderno publicado em 1990.

Em 06/01/1990, *Letras* publica uma reportagem de Marco Chiaretti ⁴ sobre a editora Nova Fronteira, onde este traça a trajetória da mesma desde sua fundação por Carlos Lacerda em 1966 até o final da década de 80.

De acordo com a reportagem, “houve uma época, na passagem dos anos 70 para os anos 80, que alguém que gostasse de ler e não conhecesse outra língua que não o português entraria numa livraria e compraria os livros da Nova Fronteira. Sem perguntar o título ou o autor”. Durante a década de 80, ainda segundo o texto de Chiaretti, a editora entrou em uma fase de declínio, afastando-se das listas dos mais vendidos e das capas dos suplementos literários, até que, no final dos anos 80, recupera as forças e lança, em dois meses, “O sorriso do lagarto”, de João Ubaldo Ribeiro; “Sevilha andando”, de João Cabral de Melo Neto e “O homem sem qualidades”, de Robert Musil.

Chiaretti ressalta, no entanto, que Sérgio e Sebastião Lacerda (respectivamente presidente e editor literário da Nova Fronteira), ao comentarem o grande sucesso da primeira fase da editora, “O exorcista”, evidenciam sua saída do gueto cult e sua aproximação do grande público, fato que o próprio Chiaretti admite que seu texto tende a encobrir.

A saída da Nova Fronteira do gueto cult talvez seja reflexo da radical mudança ocorrida no mercado editorial durante os anos 80, observada por Caio Graco Prado em entrevista à Teresa Ribeiro.⁵ Para Caio Graco, os anos 80 foram marcados pela

4 CHIARETTI, Marco. “Nova Fronteira quer reviver anos dourados” *Letras*, 6 de janeiro de 1990, p. 3.

5 RIBEIRO, Teresa. “Caio Graco Prado acha que editor deve provocar” *Letras*, 13 de janeiro de 1990, p. 3.

profissionalização do mundo intelectual, sendo que as editoras passaram a ser um negócio como outro qualquer, “com mão-de-obra profissional e empresas idem”.

Não se pode perder de vista que o jornal também é um negócio. Talvez por isso Marco Chiaretti tenda a omitir a aproximação da Nova Fronteira com o grande público; pois o próprio *Letras* busca tal aproximação, seja através da adequação de seu tamanho ao padrão da *Folha de S. Paulo*, através da utilização de uma linguagem mais jornalística ou ainda através da grande presença de obras estrangeiras, este último uma tentativa de tornar-se cosmopolita, já que foi naquele momento o início da abertura das fronteiras do país, fato que, me parece, foi muito bem captado pelas editoras, as quais, como disse Caio Graco, são um negócio como outro qualquer.

No início dos anos 90, o suplemento da *Folha de S. Paulo* talvez não precise se valer de “exorcistas” para ampliar o seu público leitor, mas é certo que tende a afastar-se do meio cult. Sendo assim, vale a pena pensar se, além da aparente intimidade com o mercado editorial, a tentativa de abarcar o maior número de leitores possível através da abordagem dos mais variados temas e autores em diferentes gêneros textuais, que variam entre o ensaio acadêmico e a nota explicitamente comercial, não foram um dos fatores responsáveis pelo aparente fim desta nova fase do jornalismo cultural da *Folha* em 1992. Mas isto é outro assunto, que fica para um próximo momento, pois ainda é preciso ler e catalogar cerca de cem cadernos de *Letras*.